

AS CORES DAS MARGENS: UM MAPEAMENTO BIBLIOGRÁFICO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A COMUNIDADE TRANSMASCULINA NO VALE DO TAQUARI/RS

Tainá de Souza¹

Fernanda Storck Pinheiro²

Cândido Norberto Bronzoni de Mattos³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar um mapeamento das produções acadêmicas que apresentam a comunidade transmasculina do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. A coleta dos dados foi realizada a partir de uma pesquisa utilizando o descritor “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari”, no primeiro semestre de 2024, em quatro sites de trabalhos acadêmicos. A partir dessa busca, foram encontrados onze trabalhos que passaram por uma filtragem de acordo com dois critérios de inclusão: apresentar alguma menção às identidades trans e ter como recorte territorial o Vale do Taquari. Apenas quatro trabalhos estavam de acordo com os critérios de inclusão, dos quais apenas um apresentava a narrativa de uma pessoa transmasculina e sua vivência na região. Como respostas à pesquisa, o cenário acadêmico regional demonstra a invisibilização das vivências transmasculinas, reforçando a urgência de se olhar para as diferentes identidades de gênero no Vale do Taquari e no território nacional.

Palavras-chave: transmasculinidades; invisibilização; Vale do Taquari; LGBTQIAPN+.

1 Pedagogo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Email: taina.souza4@univates.br

2 Advogada. Doutora em Direito. Professora e pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. E-mail: fernandapinheiro@univates.br

3 Fisioterapeuta. Doutor em Saúde Coletiva. Universidade do Vale do Taquari – Univates. Lajeado – Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: candido.mattos@univates.br

THE COLORS AT THE MARGINS: A BIBLIOGRAPHIC MAPPING OF ACADEMIC PRODUCTIONS ON THE TRANSMASCULINE COMMUNITY IN THE VALE DO TAQUARI/RS

Abstract: This article aims to map academic works that address the transmasculine community of Vale do Taquari, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. Data collection was carried out through research using the descriptor “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari” during the first semester of 2024, across four academic repositories. This search returned eleven works, which were filtered based on two inclusion criteria: containing some reference to trans identities and having Vale do Taquari as the territorial focus. After this filtering, only four works remained, of which only one included the narrative of a transmasculine person and their lived experience in the region. The findings highlight the academic invisibility of transmasculine experiences in the region, underscoring the urgency of addressing the diversity of gender identities within the academic sphere of Vale do Taquari and in the national territory.

Keywords: transmasculinities; invisibility; Vale do Taquari; LGBTQIAPN+.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Para começar: o Vale do Taquari e a comunidade LGBTQIAPN+

O Vale do Taquari é uma região localizada na área central do Rio Grande do Sul, composta por 36 municípios⁴, com aproximadamente 360 mil habitantes (Maciel, 2024). Foi no Vale que nasci, cresci, me constituí(e sigo em construção) enquanto cidadão e hoje é para ele que olho, enquanto pesquisador. Faço parte de uma parcela muito específica da sociedade, que está constantemente ligada à marginalização e à invisibilidade. Sou trans, e este é um dos pontos de partida para esta pesquisa, que faz parte de minha dissertação de mestrado do curso de Ambiente e Desenvolvimento na Universidade do Vale do Taquari - Univates, na linha pesquisa em espaço e problemas socioambientais.

Para começar, apresento ao leitor o significado da letra “T” da sigla LGBTQIAPN+, em específico, do conceito de transmasculinidade, que é ao qual dedico essa pesquisa. Para aqueles que estão acostumados com os termos e que sentem como se eu estivesse fazendo a descrição de algo óbvio, vale ressaltar que no mapeamento que realizei no segundo semestre de 2024 e irei apresentar neste artigo, encontrei apenas 11 pesquisas que tratavam sobre a comunidade LGBTQIAPN+ do Vale do Taquari, sendo que desses, apenas 4 citavam termos como “trans”, “travesti”, “transmasculino” ou “não-binário” e apenas 1 fazia referência direta às vivências de

4 Os municípios que compõem o Vale do Taquari são: Anta Gorda; Arroio do Meio; Arvorezinha; Bom Retiro do Sul; Canudos do Vale; Capitão; Colinas; Coqueiro Baixo; Cruzeiro do Sul; Dois Lajeados; Doutor Ricardo; Encantado; Estrela; Fazenda Vilanova; Forquetinha; Ilópolis; Imigrante; Lajeado; Marques de Souza; Muçum; Nova Bréscia; Paverama; Poço das Antas; Pouso Novo; Progresso; Putinga; Relvado; Roca Sales; Santa Clara do Sul; Sério; Tabai; Taquari; Teutônia; Travesseiro; Vespasiano Corrêa; Westfália (COREDE, 2023).

uma pessoa transmasculina. Então, do lugar de onde falo, essa descrição me parece necessária e urgente.

A letra “T” da sigla LGBTQIAPN+ abrange todas as identidades dissidentes de gênero, incluindo pessoas trans, transmasculinas, travestis, mulheres e homens trans, entre outras. Segundo Berenice Bento (2008), a transexualidade corresponde a expressões identitárias que se afastam das normas de gênero vigentes, uma vez que rompem com as idealizações heterocisnormativas. Nesta pesquisa, o foco principal são as identidades transmasculinas, que, conforme Cello Latini Pfeil (2024), referem-se a pessoas designadas mulheres ao nascer, como homens trans, pessoas transmasculinas, boycetas, não-binárias, entre outras formas de existências dissidentes.

Leonardo Tenório e Luciano Palhano (2022) afirmam que apesar de ainda haver pouco conhecimento sistematizado sobre a história de pessoas transmasculinas brasileiras no século XX, alguns registros históricos estão disponíveis. Diversos jornais impressos de diferentes estados do país noticiaram, ao longo do tempo, experiências de pessoas que vivenciaram trajetórias que, atualmente, poderiam ser compreendidas como identidades transmasculinas. Porém é só a partir da primeira década do século XXI, com o avanço da tecnologia, que as comunidades transmasculinas passam a ser organizadas, através das redes sociais.

A literatura acadêmica sobre as dissidências de gênero transmasculinas ainda é escassa. Enquanto a discussão sobre o gênero na perspectiva feminista se inicia na década de 1990, o primeiro artigo publicado no Brasil sobre a transmasculinidade é de 2012 (Tenório, Palhano, 2022). Levando em consideração a falta de registros e a prematuridade da discussão sobre as identidades transmasculinas no Brasil, busco, através deste artigo, apresentar os dados encontrados sobre essa população no Vale do Taquari, em um mapeamento realizado como parte de minha pesquisa de mestrado em Ambiente e Desenvolvimento.

Para realizar o mapeamento das pesquisas utilizei o descritor “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari” e conduzi a busca bibliográfica em quatro bases de dados no primeiro semestre de 2024, as plataformas consultadas foram: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), os Periódicos da Capes, o site OasisBr e o site de trabalhos acadêmicos da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sem delimitar ano de publicação. A seguir irei apresentar os dados encontrados a partir do mapeamento acima descrito, bem como uma revisão de três obras produzidas por um autor local, as quais apresentam narrativas de pessoas LGBTQIAPN+ da região, bem como uma revisão documental de registros de jornais e revistas do século XX.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 (R)existir no Brasil: o que falam sobre nós?

[...] será que rebeldes somos nós, transgêneros ou a manutenção de uma ordem social que busca aniquilar nossas existências?
(Caio Tedesco, 2022, p. 16)

É recorrente, em manchetes e dentro dos espaços de militância, a notícia de que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo (*Transgender Europe*, 2025). Como um fantasma, um dado me assombra enquanto pesquisador e sujeito trans: 1947. Mil novecentos e quarenta e sete! Este é o número de vidas trans exterminadas desde 2008 no Brasil, de acordo com o último levantamento da Organização Não Governamental *Transgender Europe*⁵ (2025). Somadas a ele estão as subnotificações, as identidades não respeitadas após a morte e tantas outras que são negadas antes mesmo de existir, silenciadas por uma estrutura preconceituosa e violenta.

Para Judith Butler (2022),

Algumas pessoas são reconhecidas como menos que humanas, e essa forma de reconhecimento qualificado não condiz a uma vida vivível. Algumas sequer são reconhecidas como humanas, e isso leva a mais outra ordem de vida não-vivível (Butler, 2022 p. 13).

Nossas vidas são constantemente empurradas para o campo do não-vivível, onde a existência é negada antes mesmo de ser reconhecida. Nossos corpos são sistematicamente desautorizados a existir, lançados ao limiar do que a sociedade considera digno. Nos é negado o acesso à educação, ao trabalho, à saúde. Somos empurrados para as margens como um aglomerado de vidas não-vivíveis que se apertam, resistem e (sobre)vivem apesar de tudo.

Os números... essenciais para a construção das ciências, para a formulação de políticas públicas, até eles nos são negados. Vicent Goulart (2021) nos alerta,

Como não se trata de interesse do Estado em combater a LGBTfobia, o levantamento desses dados é obliterado; há um grande déficit de captação e publicização desses dados por parte do setor de Segurança Pública (Goulart 2021, p. 57).

Não existem, no Brasil, pesquisas oficiais que incluam a identidade de gênero como marcador a ser analisado. Sendo assim, as ONGs, as Associações, outras organizações civis, além de pesquisas, como esta, são as responsáveis pelo mapeamento da comunidade trans.

Em 2024, o mapeamento realizado pelo *TEGEU* (2025) registrou 350 assassinatos de pessoas trans nos 120 países que participaram da sua pesquisa anual.

5 Ao longo do texto o nome da ONG será abreviado com a utilização da sigla TGEU.

Destes, 94% dos relatos foram de pessoas com identidades transfemininas e 73% ocorreram na América Latina e Caribenha. Com 30% dos casos, o Brasil lidera o ranking pelo décimo sétimo ano consecutivo, já que desde o início da pesquisa, em 2008, o país se mantém no topo deste ranking sangrento.

Os números também indicam que 93% das pessoas assassinadas não eram brancas, ou seja, a violência que impulsiona os crimes além de transfóbica, é racista. Ao pensar na realidade social do país que lidera o ranking (o Brasil), no qual 55% da população é negra (IBGE, 2022), acredito ser impossível falar sobre as vivências trans sem abordar o conceito de interseccionalidade.

O termo surge no contexto do feminismo negro estadunidense no início da década de 1990. De acordo com Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade revela as distinções existentes no interior das próprias diferenças, ao considerar os marcadores sociais como camadas sobrepostas que compõem a construção das subjetividades individuais e que interferem na maneira com que os sujeitos irão experimentar o mundo.

Para Crenshaw, o preconceito de gênero atinge mulheres brancas e negras de maneiras diferentes, assim como acontece quando observamos as proporções do racismo na vida de homens e mulheres negras, sendo o segundo grupo mais vulnerabilizado porque os marcadores de raça e gênero se entrecruzam. Para Megg Rayara Oliveira (2018)

Um debate interseccional permite colocar em evidência reflexões que emergem de setores variados de nossa sociedade, como a academia, o movimento social de negras e negros e o movimento de travestis e mulheres transexuais (Oliveira, 2018, p. 167).

Acrescento, também, à afirmação de Oliveira (2018), os movimentos de homens trans, transmasculines e de pessoas não-binárias. A necessidade de expandir o discurso sobre as diferentes vivências dissidentes de gênero e a maneira com que estes corpos experimentam a sociedade é urgente.

Em 2022, um grupo de pessoas transmasculinas fundou o primeiro observatório da América Latina com o objetivo de acompanhar e registrar casos de violações contra as transmasculinidades: o Observatório Anderson Herzer. De acordo com os resultados da pesquisa publicados em 2024 (OAH, 2024), os níveis de escolaridade entre os respondentes pretos, pardos, indígenas e quilombolas eram menores. Além disso, a maioria daqueles que já estiveram em situação de rua fazem parte do recorte em que gênero e raça se entrecruzam, pessoas transmasculinas pretas ou pardas.

Em diversos trechos da pesquisa divulgada pelo Observatório Anderson Herzer (OAH), observa-se que a combinação entre os marcadores de raça e gênero evidenciam processos de vulnerabilização acentuados. Esses dados reforçam como as desigualdades sociais e estruturais impactam diretamente o acesso e a permanência de homens trans e pessoas transmasculinas nas instituições sociais, e como o racismo, a violência de gênero e a transfobia estão diretamente interligados, e reforçam os

processos de marginalização dos corpos dissidentes. Diante desse cenário, cabe questionar: quais são, afinal, as vidas consideradas vivíveis em nossa sociedade? Quais vidas são consideradas vivíveis no Vale do Taquari? Para tentar responder, ou ao menos, sistematizar os dados pré existentes no Vale do Taquari, a seguir irei realizar um mapeamento das pesquisas que abordam a temática LGBTQIAPN+.

2.2 O (nosso) Vale do Taquari: transvivências em curso

É realmente uma comunidade inteira que vigia, regula, sanciona e pune sujeitos que destoam do modelo cisgênero e heterossexual de existência, empurrando os sujeitos espreitados para dentro do armário, sejam armários identitários, sejam armários da orientação sexual (Jandiro Koch, 2019, p. 11).

A região econômica conhecida como Vale do Taquari localiza-se às margens do Rio Taquari, no centro do estado do Rio Grande do Sul. A formação desse recorte territorial foi moldada por múltiplas influências culturais indígenas, africanas, alemãs, açorianas e italianas (Kreutz; Machado, 2017). No entanto, como observa Koch, é “notória a desconsideração dos indígenas, que mantêm aldeias em Estrela e Lajeado⁶, bem como é desconsiderada a participação negra naquilo lido como ‘progresso’, conceito fortemente vinculado às questões econômicas (Koch, 2018, p. 45)”. Desse modo, embora se evidencie um forte apreço pela chamada “cultura alemã”, há uma escassez de registros e reconhecimento quanto às comunidades indígenas, negras e quilombolas que habitam a região e que, historicamente, desempenharam um papel essencial em sua constituição. Da mesma maneira, o apagamento e a negação da existência de pessoas LGBTQIAPN+ é evidente.

Meu primeiro contato com o termo transgênero aconteceu durante o evento institucional “Diálogos na Contemporaneidade: Trans: gênero, cultura e subjetividade”, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, no ano de 2017. Foi a partir deste evento, também, que conheci o trabalho de Jandiro Adriano Koch, um dos primeiros pesquisadores a se aventurar pela pesquisa das vivências LGBTQIAPN+ no Vale. É autor de três obras que utilizo como referência em minha pesquisa, as quais a seguir irei apresentar.

As obras de Koch constituem os primeiros registros de pesquisa neste campo que encontrei durante a construção de minha dissertação. O livro “Um baile misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari” (2017) apresenta ao leitor a transcrição de entrevistas com pessoas negras e LGBTQIAPN+⁷, realizadas por Koch em parceria com o Diretório Central de Estudantes da Univates. A obra

6 Estrela e Lajeado são cidades vizinhas, sendo Lajeado a maior cidade do Vale do Taquari, vista como a segunda cidade mais inteligente do Rio Grande do Sul de acordo com o Ranking Connected Smart Cities 2022. (Independente, 2024.).

7 As entrevistas não levam em consideração a interseccionalidade, ou seja, as pessoas negras entrevistadas fazem parte do movimento social negro, e as pessoas LGBTQIAPN+, dos movimentos sociais da sigla.

reúne três entrevistas com pessoas da sigla, dois homens gays e uma mulher trans, que relatam experiências de resistência da comunidade LGBTQIAPN+ na região, abrangendo desde festas e espaços de convivência até a atuação em movimentos sociais organizados.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, realizado em 2018, Koch empreende um levantamento e uma análise de fontes periódicas regionais, jornais e revistas, que trazem excertos reveladores da percepção da comunidade local sobre pessoas LGBTQIAPN+⁸. O trabalho, porém, ainda não foi publicado e não está disponível na Biblioteca de Trabalhos acadêmicos da Univates, a análise do documento só foi possível devido à disponibilização do mesmo pelo próprio autor. A análise documental empreendida por Koch, se debruça sobre os registros em jornais e revistas do século XX que apresentam narrativas sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Ao longo do texto são analisados diferentes recortes que trazem à tona o já suspeitado pelo autor: o preconceito, o apagamento e a marginalização da comunidade. O autor reflete, em sua conclusão:

[o]s capítulos são nomeados como referência à escuridão, breu, iluminação e, quando os discursos sobre as populações LGBTQI se tornam aparentes, “à luz”. Parece, no entanto, que essas luzes que os enfocam são daquelas que causam câncer de pele, que tornam os corpos doentes, abjetos, que os conformam à morte em vida, ao medo. São luzes para as quais não havia filtro a não ser a barreira da porta do armário. Depois de 1999, em função da consolidação de posicionamento em diversas áreas científicas, da força dos movimentos sociais, da penetração da internet, talvez seja possível ver que a população LGBTQI passa, pouco a pouco, a gerir a iluminação, a escolher o tipo de luminária, a dizer quanto tempo quer ficar exposta e em que horários. Inclusive a reclamar o controle sobre a (in)visibilidade (Koch, 2018, p. 227).

Tal excerto nos dá um vislumbre de quais são as condições encontradas pela comunidade LGBTQIAPN+ do Vale do Taquari ao longo da história. Ao ser apresentada por Koch, a região se mostra à espreita do diferente, ao vigiar, punir e por vezes negar a possibilidade de existência. Ao mesmo tempo, a pesquisa de Jandiro nos mostra sujeitos capazes de enfrentar e subverter os preconceitos e (sobre) viverem com as condições que estão postas. Será que algo mudou?

A terceira e última obra de Koch que apresentarei aqui é o livreto⁹ *Sociedade à espreita* no qual o autor apresenta excertos de seu TCC além da transcrição de entrevistas com duas mães de pessoas LGBTQAIPN+ e de um homem gay. Vale ressaltar que apesar de configurar um trabalho pioneiro para a região, o referido livro apresenta apenas a entrevista de duas mães de homens cis gays e de um homem cis

8 No texto, o autor utiliza a sigla LGBTQI, levando em consideração as atualizações da sigla e a necessidade e importância de reconhecer as diferentes identidades que ela abriga, opto por utilizar LGBTQIAPN+ quando não se trata de uma citação direta.

9 Termo utilizado pelo próprio autor para se referir a tal obra.

gay, não apresentando em suas narrativas pontos de vista que levam em consideração as vivências trans.

Em *Sociedade à espreita* Koch apresenta a comunidade do Vale do Taquari, as influências das crenças cristãs, dos discursos médicos e das áreas chamadas psis, envolvendo a psicologia, a psicanálise e a psiquiatria e do controle dos corpos a partir do medo, da ideia do pecado e da condenação. Nos mostra um panorama das dificuldades enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+, e a sua perspectiva, enquanto pesquisador, dos significados de sexo, gênero e sexualidade. Ele afirma que

No passado, assim como no presente, as religiões, a medicina e as áreas “psi” não comungavam da mesma explicação. No entanto, concordavam que a pessoa que manifestava orientação sexual não heterossexual ou identidade de gênero não cisnormativa (aquela em conformidade com a genitália) estava errando em alguma coisa, conscientemente ou não, ou tinha nascido com algum defeito (Koch, 2019, p. 33).

De acordo com Koch(2019) a partir dessa narrativa, foi se construindo no Vale do Taquari um senso comum formado pela sobreposição dos ‘saberes’ de cada um dos grupos mencionados, resultando na marginalização e na invisibilização das vivências dissidentes.

Ainda sobre a obra de Koch(2019), um dos movimentos interessantes que o autor apresenta, é o da migração dos sujeitos LGBTQIAPN+ que, ao se depararem com o cenário estabelecido no Vale buscam o distanciamento para usufruir de certa liberdade. Com o intuito de experimentar o afeto e poder expressar suas identidades, além de diminuir os efeitos do preconceito, os sujeitos voltam para o armário e saem do núcleo familiar, migrando da casa dos pais para alguma habitação alugada, do interior para a cidade e/ou de cidades pequenas para grandes centros urbanos.

Levando em consideração o que é apresentado por Koch (2017; 2018; 2019) e o recorte adotado pelo autor, que não inclui relatos ou menções a pessoas transmasculinas em suas obras, questionar quais vidas são consideradas vivíveis no Vale do Taquari parece nos conduzir por caminhos que extrapolam a dicotomia vivível versus não-vivível. É preciso perguntar: a possibilidade de vivências transmasculinas nesse território é ao menos cogitada? Ou o desconhecimento e o apagamento desse grupo populacional são tão marcantes que nossas existências sequer são percebidas como possíveis?

Além da análise das obras de Koch, proponho o mapeamento das produções acadêmicas sobre a temática LGBTQIAPN+ do Vale do Taquari. Para isso, realizei, no primeiro semestre de 2024, uma busca bibliográfica em quatro bases, 3 de dados, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Periódicos da Capes, no site OasisBr e no site de trabalhos acadêmicos da Universidade do Vale do Taquari - Univates, utilizando o descritor “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari” sem delimitar ano de publicação.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses e no site de periódicos da Capes, não foram encontradas pesquisas referentes ao descritor que utilizei.

Já no OasisBr encontrei um trabalho de conclusão de curso da Universidade do Vale do Taquari - Univates, o qual estava, também, publicado no site de trabalhos acadêmicos da instituição, juntamente com outros dez trabalhos, todos eles monografias de conclusão de curso. Que irei apresentar e analisar a seguir, levando em consideração a presença, ou não, das vivências trans e transmasculinas em suas escritas.

Para selecionar as obras que analisei, utilizei dois critérios, em primeiro lugar era necessário que o texto fizesse referência direta à comunidade trans¹⁰ e por fim, os trabalhos deveriam ser voltados para a população do Vale do Taquari. Ou seja, era necessário apresentar ou citar o recorte trans no Vale. Para isso, após fazer a busca nos sites supracitados e a seleção dos textos, realizei um mapeamento do termo trans nos trabalhos, após essa busca foram encontrados apenas quatro pesquisas, três do ano de 2020 e uma do ano de 2021, sendo todas elas monografias de conclusão de cursos da Univates. Em seguida irei realizar a apresentação e a análise de cada uma das quatro pesquisas que se enquadraram nos critérios de inclusão.

A primeira monografia é o trabalho de conclusão do curso de Engenharia da Computação da Univates, é a única que está publicada no site de trabalhos acadêmicos da universidade e também no OasisBr. No estudo desenvolvido por Paulo Junior (2020), é apresentada a proposta de criação de um aplicativo denominado *Safe Space*¹¹, que tem por finalidade possibilitar o mapeamento de denúncias relacionadas a crimes violentos cometidos contra qualquer cidadão. A ideia do aplicativo é a de oferecer uma ferramenta acessível e eficaz para registrar e localizar ocorrências desse tipo, promovendo maior segurança às vítimas. Entre os diversos tipos de violência contemplados pela plataforma, destaca-se a inclusão da LGBTfobia como uma das categorias específicas de denúncia.

O autor afirma que o aplicativo ofereceria aos usuários o mapeamento geoprocessado dos crimes, com a indicação do número de acontecimentos por região (JUNIOR, 2020). Além disso, a criação do aplicativo ofereceria suporte jurídico para quem necessitasse. Sobre a comunidade LGBTQIAPN+, o autor não especifica nenhum ponto, apenas realiza um desmembramento da sigla explicando o que cada letra representa, sem fazer menção específica às necessidades da comunidade trans.

O segundo trabalho também se trata de uma monografia de conclusão de curso, agora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates. O trabalho de Ana Gerhardt (2020) propõe a criação de um centro de acolhimento de pessoas em vulnerabilidade social na cidade de Lajeado, adotando como principal grupo a ser atendido mulheres vítimas de violência doméstica. De acordo com a autora, a proposta visa construir uma rede de apoio e proteção para as mulheres do município,

10 Como: trans, transgênero, transexuais, homens trans, mulheres trans, pessoas não binárias e travestis.

11 O aplicativo não está disponível para *download*.

e incentivar a independência financeira através do empreendedorismo(Gerhardt, 2020).

O trabalho de Gerhardt afirma que o movimento LGBTQIAPN+ é uma ramificação do movimento feminista, sendo assim, o centro de acolhimento buscaria atender, também, esta parte da população. A autora realiza, como parte do desenvolvimento da pesquisa um levantamento das organizações da sociedade civil que atendem mulheres em vulnerabilidade, porém, não faz menção à esse tipo de organização que atende pessoas LGBTQIAPN+ na região, nem realiza um aprofundamento sobre a temática, novamente o termo trans só é visto no momento do desmembramento da sigla, quando a autora explica aos leitores o que cada letra significa.

No mesmo ano e ainda no curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates, Bruna Petter(2020) propõe, em sua monografia, a criação de um centro de acolhimento de pessoas em situação de rua, além de refugiados e imigrantes que se encontram em vulnerabilidade social. O centro teria o objetivo de promover a assistência às necessidades básicas e a reintegração social (Petter, 2020). Encontrei o termo “transexual” na pesquisa de Petter em um dos apêndices de sua monografia. Tal trecho traz uma entrevista realizada com a coordenadora de uma instituição que abriga pessoas em situação de rua em Lajeado. De acordo com a entrevistada, desde 2017 o número de pessoas que buscam o atendimento têm aumentado, e isso inclui o número de pessoas trans que têm solicitado assistência(Petter, 2020). Não há a descrição de quem são esses sujeitos, sua identidade de gênero, suas histórias e o motivo da procura por acolhimento não são explicadas.

A quarta e última pesquisa encontrada é diferente das demais, assim como os textos de Koch(2017; 2018; 2019) a pesquisa de Schwarzer (2021) nos apresenta a percepção da comunidade LGBTQIAPN+ da região sobre determinado assunto, dando visibilidade à este recorte populacional. A pesquisa consiste em um trabalho final do curso de Publicidade e Propaganda da Univates e apresenta como objetivo compreender a percepção da população LGBTQIAPN+ do Vale do Taquari/RS sobre a representação na mídia brasileira. Os dados gerados e analisados por Luis Schwarzer(2021) foram obtidos através de seis entrevistas com moradores do Vale, dentre eles estão um homem e uma mulher trans, para os fins desta pesquisa irei dar maior ênfase à entrevista do “entrevistado E”, primeira transmasculinidade a ser apresentada pela bibliografia encontrada.

2.3 O Primeiro Homem Trans do Vale do Taquari? O entrevistado “E” e a (re)xistência das masculinidades outras

Eu nunca gostei de me vestir de vestidinho, essas coisas de menininha. Se meus pais tivessem orientação e vissem que eu não gostava de me vestir de tal forma, que eu agia como um guri, talvez todas essas coisas que eu passei na minha infância até me assumir teriam sido completamente diferente
(Entrevistado “E” in Schwarzer, p. 116)

Me permito realizar uma análise mais demorada sobre esta pesquisa, não porque ela tenha maior importância, seja melhor escrita, ou qualquer outro ponto que possa parecer influenciar a escolha, mas sim pelo simples fato de que o trabalho de Schwarzer(2021) é o único dentre os quatro encontrados que nos apresenta um sujeito transmasculino residente do Vale do Taquari. Esse homem trans, de 31 anos, parturiente de duas crianças, é o dono da primeira narrativa transmasculina de nossa região.

Ao falar sobre sua experiência enquanto pai biológico de seus filhos o entrevistado afirma que

[...] o pessoal não entende como eu me relacionei com homem e fui ter dois filhos e depois me assumi trans, mas eu já sabia o que eu era desde os 6 anos de idade, só que queria me enganar, eu queria me colocar na mesma caixinha que todo mundo, me enganar, pensei “não, eu vou ter filho e isso vai mudar minha cabeça”, quando meu filho nasceu eu tive mais certeza ainda (Schwarzer, 2021, p. 116).

Quando afirma “se enganar” para se enquadrar no que era esperado socialmente, o entrevistado E nos apresenta o que chamamos de cisnormatividade compulsória. Para Sergio Ferreira(2020) a cisnormatividade exige que as expectativas impostas socialmente sobre nossos sexos biológicos sejam atingidas, ela espera de nós a performance de gênero “adequada” ao sexo. O entrevistado “E” tenta moldar sua identidade, em um primeiro momento, com a expectativa de se enquadrar e se submeter aos padrões impostos pela sociedade e por sua autopercepção, construída para entender a transexualidade como algo que deve ser evitado e temido.

O cissexismo e a cisgeneridade compulsória deslegitimam as vidas trans, tratando-as como desvios do modelo binário de sexo/gênero, geralmente interpretando estas experiências como patologias ou perversões (Ferreira, 2020). São esses respingos cisnormativos que fazem com que o Entrevistado E deseje a cura de sua condição trans. Uma vez que

O corpo trans é para a epistemologia da diferença sexual o que o continente americano foi para o Império espanhol: um lugar de imensa riqueza e cultura impossível de reduzir ao imaginário do império. Um lugar de extração e de aniquilamento da vida (Paul Preciado, 2022, p. 38)

Ao perceber sua identidade trans, e a impossibilidade de sua existência enquanto sujeito desse recorte, se molda e passa a performar (Butler, 2016) o

esperado socialmente, aniquilando, ele mesmo, qualquer chance de dúvida social sobre sua identidade, até que isso não é mais possível e diante do nascimento.

Além disso, o entrevistado “E”, compartilha suas percepções sobre como a população LGBTQIAPN+ é retratada nos meios de comunicação. Conforme Schwarzer (2021), ele relata sentir-se contemplado pelas representações da experiência de ser um homem trans veiculadas atualmente na mídia. O autor ressalta que, segundo o entrevistado, essas aparições são relativamente recentes, resultado de um processo de maior aceitação social e também de resistência ao preconceito que pessoas trans enfrentam ao longo da vida (Schwarzer, 2021). Dessa forma, o participante reconhece um progresso na forma como a identidade transmasculina tem sido mostrada publicamente, percebendo essas representações como coerentes com sua vivência.

Schwarzer (2021) conclui sua monografia afirmando que:

Foram identificadas diferenças de frequência e qualidade na representação de certas parcelas da população LGBTQIA+, onde alguns subgrupos do movimento têm suas cores pintadas de forma mais forte pela mídia, do que outros que surgem de forma mais tímida. É a mídia que define então quais cores ela vai pintar em suas peças e campanhas (Schwarzer, 2021, p. 73).

Com base em sua conclusão, e no recorte analisado por Koch em suas obras, é possível observar que a população transmasculina tem sido historicamente invisibilizada nos contextos de participação política, movimentos sociais e espaços de representação a nível nacional, mas também no recorte do Vale do Taquari. Esse apagamento está diretamente relacionado à negação da autonomia e da legitimidade dos corpos com vulva, conforme analisam Palhano e Tenório (2021). Para Bento (2008), as idealizações normativas de gênero produzem dinâmicas de exclusão e desigualdade, impondo uma espécie de “morte em vida” aos sujeitos que não se encaixam nesses modelos, forçando-os a um exílio interno. Essa forma de apagamento também se manifesta no campo midiático, onde a presença de pessoas trans ainda é escassa e, quando ocorre, muitas vezes enfrenta resistência, boicotes ou tentativas de silenciamento. Embora nos últimos anos haja sinais de abertura, essa visibilidade ainda é frágil e limitada, refletindo o histórico de marginalização que marca a trajetória da comunidade trans no Brasil.

O entrevistado “E” menciona um episódio que o impactou: a campanha de Dia dos Pais lançada em 2020 pela Natura, protagonizada por Thammy¹² Miranda. Segundo ele, apesar das tentativas de boicote motivadas por discursos preconceituosos, a empresa manteve sua decisão de seguir com a campanha e não retirou o influenciador trans de sua ação publicitária (Schwarzer, 2021).

Esse caso é emblemático ao demonstrar como as mídias exercem o controle sobre quais representações serão veiculadas e de que forma isso será feito. Como

12 Vereador na cidade de São Paulo pelo Partido Social Democrático, ator e repórter, Thammy é um homem trans famoso, também, por ser filho da atriz e cantora Gretchen.

ressalta Schwarzer (2021, p. 73), “é a mídia que define quais cores ela vai pintar em suas peças e campanhas”, evidenciando que o poder de construir ou silenciar identidades está concentrado, também, nas mãos dos meios de comunicação. Assim, eles determinam quem poderá “viver” publicamente e quem continuará sendo excluído, de acordo com as normas e idealizações impostas pela sociedade, sendo consideradas menos que humanas, condenadas à vidas não-vivíveis (Butler, 2022).

Por fim, destaca-se que o trabalho de Schwarzer é o único, entre os materiais localizados nas plataformas de busca utilizadas, que oferece ao leitor um recorte da trajetória de vida e da construção identitária de um homem trans residente no Vale do Taquari. Nesse contexto, pode-se afirmar que o entrevistado identificado como “E” é a primeira figura transmasculina da região a ter sua história registrada e divulgada nos sites analisados. No entanto, é importante frisar que, embora ele seja o primeiro a ter essa visibilidade, certamente não é o único homem trans a viver neste território, por isso a importância de pesquisas que olhem para este recorte populacional.

2.4 Mapas incompletos: é possível concluir?

A liberdade é um túnel que se cava com as mãos. A liberdade é uma porta de saída. A liberdade - como esse novo nome pelo qual vocês agora me chamam, ou esse rosto vagamente hirsuto que veem diante de si - é algo que se fabrica (Preciado, 2022, p. 23).

No Vale do Taquari, como nos apresentam Koch (2017; 2018; 2019) e Schwarzer (2021), o senso comum sobre as dissidências de gênero e sexualidade, é fortemente influenciado pelo cristianismo, pelo discurso patologizante e moral das áreas médicas e psis, além do espaço vexatório com que o humor lidava (e ainda lida) com nossas existências. Neste cenário, relembro o que nos conta João Nery (2019) em seu livro *Velhice Transviada*

Muitos quando terminam¹³ a transição e já estão passáveis - ou seja, que passam por “homens” porque já se harmonizaram, têm barba, voz grossa e tiraram as mamas -, somem no mundo. É um tipo de “morte social”, renascendo com uma nova vida, com outro nome ou identidade e, de preferência, morando em outra cidade (Nery, 2019, p. 16).

Com isso, concluo este artigo com mais perguntas: quem são as pessoas transmasculinas que residem no Vale? Será que passaram pelo processo de “sumir no mundo”? Quais suas histórias de vida? De que maneira se enxergam na sociedade da região? Onde estão? Têm acesso à saúde e aos seus direitos básicos?

Não é possível concluir um trabalho como esse. Os armários construídos, nos quais se amontoam historicamente as pessoas LGBTQIAPN+ no Vale do Taquari, estão infestados de cupins e sua estrutura abalada, porque da mesma forma que

13 Será que existe um fim para a transição? Vejo ela como um processo constante de reinvenção de si.

serviram para nos enclausurar, eles nos uniram e foram nos espaços de esquecimento que nos organizamos enquanto comunidade.

O mapeamento realizado neste artigo deixa claro: o debate sobre os espaços ocupados por corpos transmasculinos no Vale do Taquari é prematuro, os dados insuficientes e a invisibilização, uma realidade. A lógica da necropolítica (Tedesco, 2022) atinge nossos corpos e o imaginário que a sociedade deste território constrói sobre eles, somos esquecidos socialmente, habitamos um espaço da não-possibilidade, do não-vivível (Butler, 2022), não choram nossas mortes porque não somos vistos como possibilidade de existência.

Por isso, acredito que a impossibilidade de concluir o presente artigo é um indicativo central nessa pesquisa, a falta de mapeamentos e de dados revela algo além da ausência de produções acadêmicas, ela aponta para os resultados da violência estrutural à qual nossos corpos dissidentes são submetidos, que faz com que as vidas transmasculinas, por vezes, não sejam reconhecidas e registradas no Vale do Taquari.

A lacuna documental, de narrativas e de imaginário social sobre a população transmasculina na região é responsabilidade de toda a comunidade que aqui reside e produz saberes. Acredito que seja necessário mais do que apenas perguntar onde estão os sujeitos transmasculinos do Vale, mas também quem e quais instituições são responsáveis por construir as narrativas, as políticas e as relações de poder que decidem quais vidas serão consideradas como vivíveis. Assim, afirmo que a universidade, enquanto produtora de saberes, o sistema de saúde e o Estado são personagens centrais nos processos de apagamento e de negação de direitos à existência.

Ao levar em consideração o que foi revelado ao longo da pesquisa, pode ser que uma das direções necessárias para que as vidas transmasculinas sejam de fato reconhecidas neste território, seja a construção de práticas mais sensíveis de escuta destas vidas que não aparecem nos dados oficiais e que inexistem no imaginário social. Ouvir, nesta perspectiva, seria como adotar um movimento de resistência à lógica da necropolítica na qual nossos corpos são descartados, para que assim seja possível reconhecer que, mesmo enclausurados em armários, transitando no esquecimento e na marginalização social, a comunidade transmasculina construiu bases sólidas que não são apenas forjadas na dor e na ausência.

Os armários do Vale do Taquari estão infestados de cupins e por isso não cabem mais reformas em suas estruturas, é necessário vê-los ruir porque é através das ruínas que frestas são formadas, que os túneis passam a ser cavados com as mãos. A liberdade, como nos lembra Preciado (2022) não é um ponto de chegada, mas sim algo fabricado individual e coletivamente, nos tensionamentos com o mundo que insiste em negar nossa existência. Portanto, esta pesquisa não ofereceu respostas, mas registrou uma ausência que grita, uma ausência amarga e incômoda. Por fim, todo mapa seguirá incompleto enquanto não for possível reconhecer a existência de vidas transmasculinas no Vale do Taquari.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero:** um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Caderno de Leitura, 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/> Acesso em: 29 nov 2024.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**, 2002, p. 7-16 Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf. Acesso em: 6 ago 2024.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Vale do Taquari:** perfil socioeconômico – COREDES. Porto Alegre: FEE, [2023]. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Taquari>. Acesso em: 30 jun. 2025.

FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. **Digitalização de si e transmasculinidades:** a constituição de subjetividades gendradas e a produção de saberes no Facebook. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas contemporâneas) Salvador, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37850/1/Tese_-_Digitalizao_de_si_e_Transmasculinidades_-_FERREIRA_SRS_2020.pdf. Acesso em: 20 abril 2024.

GERHARDT, Ana Paula Feldens. **Teia:** centro cultural, educação, economia criativa e empoderamento. 2020. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) Lajeado, 2020. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/e4f4a858-13e8-4d82-b1a1-cbf803401a6f>. Acesso em: 28 maio 2024.

GOULART, Vicent Pereira. **O suicídio-homicídio de pessoas trans e a cisheteronormatividade:** marginalização e extermínio. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/237486/001139850.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 maio 2024.

JUNIOR, Paulo Maehler. **Safe Space:** um aplicativo de denúncias e auxílio legislativo para vítimas de violência. 2020. Monografia (Engenharia da Computação) Lajeado, 2020. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/4844db06-cb26-4356-bc6c-3b97508f3ef7/content>. Acesso em: 13 jun 2024.

KOCH, Jandiro Adriano. **Um baile misturado:** (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari. Lajeado: Univates, 2017.

KOCH, Jandiro Adriano. **Produções discursivas (sobre)vivências LGBTQI no Vale do Taquari (1925 - 1999)**. 2018. (Monografia) História. Lajeado, 2018. Texto não publicado.¹⁴

KOCH, Jandiro Adriano. **Sociedade à espreita**. 1ª ed. Porto Alegre: Buqui, 2019.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. 1 ed. rev. Lajeado: Editora Univates, 2017. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/223/pdf_223.pdf. Acesso em: 5 abr 2025.

MACIEL, Fernanda. **Notas Sobre o Habitar: um olhar acerca do lugar de morar e o espaço urbano no bairro morro 25, município de lajeado, rio grande do sul**. 2024. (Dissertação em Ambiente e Desenvolvimento) Lajeado, 2024. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/58efeb8b-c7de-4dcf-84bd-28d38101406e/content>. Acesso em: 23 jun 2025

NERY, João W. **Velhice transviada: memórias e reflexões**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara de. **Por que você não me abraça?** Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 167-179, dez. 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-megg-rayara-gomes-de-oliveira.pdf>. Acesso em: 20 jun 2025.

PETTER, Bruna. **CAR: centro de acolhimento ressignificar**. 2020. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) Lajeado, 2020. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/3039/2/2020BrunaPetterTCCII.pdf>. Acesso em: 19 maio 2024.

PFEIL, Cello Latini (org.) **Observatório Anderson Herzer (OAH): relatório das mortes e violências contra as transmasculinidades em 2023** [livro eletrônico]. Curitiba: Instituto Brasileiro de Transmasculinidade - IBRAT, 2024. Disponível em: https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2024/09/oah-2023_-1.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SCHWARZER, Luís Augusto. **As cores que a mídia pinta: a percepção da população lgbtqi+ do Vale do Taquari/RS sobre suas representações na publicidade brasileira**. Monografia (Publicidade e Propaganda). 2021. Disponível em: <https://www.univates.br/>

14 O texto foi entregue pelo autor diretamente à mim, para utilização neste trabalho. Caso exista interesse em utilizá-lo como fonte de pesquisa, entre em contato diretamente com o autor por seus contatos disponíveis na Web.

bduserver/api/core/bitstreams/b7991894-cfe4-4d9f-bd6f-bfd9ed6f9f2f/content. Acesso em: 10 jun 2024.

TEDESCO, Caio de Souza. **Não se nasce homem, torna-se**: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988). 2022. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aV3S5yidlBL8QHkOHQGzHwclPtqQSDHa/view>. Acesso em: 10 mar 2024.

TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa; PALHANO, Luciano (Luck Yemonja Banke). Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI. 2022. Artigo. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/605794007/Breve-historico-das-transmasculinidades-no-Brasil-no-seculo-XX-e-inicio-do-seculo-XXI-Palhano-Tenorio-2022-artigo-pdf>. Acesso em: 30 set 2025.

TRANSGENDER EUROPE, Trans Murder Monitoring Absolute Numbers, Berlim, 2024. Disponível em: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/#>. Acesso em: 4 jul. 2024.